

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA, AVALIAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS E O PROCESSO E FORMAÇÃO HUMANA

ACTIVE METHODOLOGIES IN TEACHING GEOGRAPHY, INTERNAL AND EXTERNAL ASSESSMENTS AND THE HUMAN PROCESS AND FORMATION

METODOLOGÍAS ACTIVAS EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA, EVALUACIONES INTERNAS Y EXTERNAS Y EL PROCESO Y LA FORMACIÓN HUMANOS

Fátima Daniela Carvalho de Sousa
Universidade do Estado de Minas Gerais

RESUMO. Pensar a educação em sua completude é um exercício diário e deve ser aliado com as formulações em relação à formação humana, de forma continuada. Neste processo encontram entrelaçados os métodos e metodologias utilizadas dentro e fora das escolas para validar o aprendizado dos estudantes, esperando que através destes exames certificadores sejam assegurados também a validação da assimilação de processos humanísticos, como a habilidade de pensamento crítico e convívio social. O presente trabalho trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, e mediado pelas discussões feitas durante a disciplina de 'Educação e Formação Humana', ofertada pelo programa de Mestrado em Educação e Formação Humana, pela Universidade Estadual de Minas Gerais, tem por objetivo, dialogar sobre a relação entre os processos avaliativos, as práticas de metodologias ativas utilizadas no ensino da geografia e o processo de formação humana, entendendo a geografia como uma ciência de análise contínua das ações humanas no espaço geográfico. O trabalho está estruturado em três partes: sendo a primeira, busca entender o que é avaliação escolar, em seguida, apresenta a discussão sobre metodologias ativas e por último, a relação das metodologias ativas e avaliações no ensino da geografia. Desta forma, espera-se contribuir na discussão da educação como elemento basilar na formação humana.

Palavras-chave: formação humana, avaliações, metodologias ativas, ensino da geografia.

ABSTRACT. Reflecting on education in its entirety is a daily exercise and must be aligned with ongoing approaches to human development. This process intertwines the methods and methodologies used inside and outside of schools to validate student learning, with the hope that these certification exams will also validate the assimilation of humanistic processes, such as critical thinking skills and social interaction. This work is a bibliographic review study, and mediated by the discussions held during the discipline of 'Education and Human Formation', offered by the Master's program in Education and Human Formation, by the State University of Minas Gerais, aims to discuss the relationship between the evaluation processes, the practices of active methodologies used in the teaching of geography and the process of human formation, understanding geography as a science of continuous analysis of human actions in geographic space. The work is structured in three parts: the first seeks to understand what school assessment is, then presents a discussion on active methodologies, and finally, the relationship

between active methodologies and assessments in geography teaching. In this way, we hope to contribute to the discussion of education as a fundamental element in human development.

Keywords: human formation, assessments, active methodologies, teaching geography.

RESUMEN. Reflexionar sobre la educación en su totalidad es un ejercicio diario y debe estar alineado con los enfoques actuales del desarrollo humano. Este proceso entrelaza los métodos y metodologías utilizados dentro y fuera de las escuelas para validar el aprendizaje de los estudiantes, con la esperanza de que estos exámenes de certificación también validen la asimilación de procesos humanísticos, como el pensamiento crítico y la interacción social. Este trabajo es un estudio de revisión bibliográfica, y mediado por las discusiones realizadas durante la disciplina de 'Educación y Formación Humana', ofrecida por el programa de Maestría en Educación y Formación Humana, por la Universidad Estatal de Minas Gerais, tiene como objetivo discutir la relación entre los procesos de evaluación, las prácticas de metodologías activas utilizadas en la enseñanza de la geografía y el proceso de formación humana, entendiendo la geografía como una ciencia de análisis continuo de las acciones humanas en el espacio geográfico. El trabajo se estructura en tres partes: la primera busca comprender qué es la evaluación escolar, luego presenta una discusión sobre las metodologías activas y, finalmente, la relación entre las metodologías activas y la evaluación en la enseñanza de la geografía. De esta manera, esperamos contribuir al debate sobre la educación como elemento fundamental del desarrollo humano.

Palabras clave: formación humana, evaluaciones, metodologías activas, enseñanza de la geografía.

1 AVALIAÇÃO ESCOLAR

Pensar em avaliação escolar é retomar as memórias de provas que definiriam se um determinado aluno é inteligente ou não. Se teve capacidade de decorar a matéria necessária para fazer a prova. Em suma, os sentimentos antes das avaliações podem ser resumidos em angústia, ansiedade e medo. Depois das avaliações, seguem orações fervorosas por milagres. Com os resultados em mãos, alguns comemoram a média, outros ficam em lágrimas, e outros comemoram o bom resultado. É comum identificar a utilização da avaliação como instrumento de punição aos alunos que não se dedicaram aos estudos, podendo repetir o ano escolar, em decorrência das baixas notas. Ou até mesmo como chantagem para conseguir o bom comportamento da turma.

Inicialmente, é importante ressaltar que o objetivo deste estudo não é demonizar as avaliações, tão pouco ignorar sua importância. Muito pelo contrário, é necessário jogar luz sobre o aluno que está sendo avaliado, quem é ele na sociedade? Qual sua história de vida? Quais seus sonhos e desafios? Identificar as potencialidades que possui e quais as principais dificuldades, especialmente no ambiente escolar. Essas perguntas vão de encontro com a ideia que desenvolvemos sobre a escola e seu papel social. O livro 'Educação como processo de formação humana: uma revisão em filosofia da educação ante a premência da utilidade', Zatti e Pagotto-Euzebio discutem a perspectiva construída

sobre a educação de forma utilitarista relacionando com a complexidade da vida em sociedade, buscando atrelar o papel da escola como instrumento no processo de desenvolvimento de formação humana. Para os autores, 'educação é a arte do cultivo humano e, a humanização depende de uma série de saberes humanísticos, geralmente de uma utilidade imediata' (Zatti e Pagotto-Euzebio, 2022, p.12), com isso é composta de repertórios que não se encerram ao fim do período escolar. Em outro momento, os autores evidenciam a contradição entre desenvolver as habilidades do 'fazer-se humano' através do conhecimento, da escolarização e o sentido da escola como 'papel técnico de transmissão de conhecimentos, capacitação e para o desenvolvimento de competências'. Estabelecer esses pontos contrários é fundamental para delinear os objetivos de avaliar. Se para Luckesi em 'Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições' (2011) avaliar é dar sentido a uma ação, definir se a educação vai estar a serviço da formação humana ou da lógica de mercado torna-se elemento crucial. Sendo assim, Zatti e Pagotto-Euzebio apresentam o momento de ruptura da lógica em que a educação deixa de ser elemento chave na formação humana, como bem imaterial de qualidade inestimável e duradouro:

Quando falamos que na tradição ocidental, entendida como tradição literária, há uma compreensão da educação como processo de formação humana, isso significa: 1) Educação é processo que perdura a vida toda, portanto, não está restrita à educação formal, aos anos escolares; 2) Refere-se à formação integral do ser humano, não está restrita à transmissão de conhecimentos, ou capacitação, ou instrução, mas implica em formação do humano em suas múltiplas dimensões; 3) É um processo de humanização do homem, é pela educação que alguém cujo nascimento é marcado pela inconclusão, pode valer-se de sua condição antropológica de abertura para vir-a-ser homem, em outras palavras, humanizar-se enquanto é inserido linguisticamente numa tradição cultural; 4) Entendida como formação, a educação é necessariamente propositiva, não pode ser neutra, ela não pode se furtar da proposição daquilo que está a formar. (Zatti e Pagotto-Euzebio. p12b, 2022)

Pensar as avaliações internas e externas, questionar as práticas avaliativas, e a utilização dos seus resultados não é nenhuma novidade. Autores importantes como Jussara Hoffmann (Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade, 2011), Cipriano Luckesi (Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições, 2014), Ivo José Both (Avaliação Planejada, Aprendizagem Consentida, 2008), Ana Maria Saul (Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática da avaliação e reformulação de currículo, 1991) e tantos outros, têm se debruçado em investigações sobre o assunto, a fim de apresentar alternativas e possibilidades de estruturar as avaliações dentro da lógica de garantir a formação crítica dos estudantes. Apesar dos esforços, este

não é um assunto acabado. Faz-se necessário retomá-lo sempre, especialmente pelo fato de que a formação humana e social não possui um ponto final. E ainda, não pode o sistema de avaliação estar posicionado de maneira distante do entendimento de formação humana. Da mesma forma, a educação e a formação humana possuem pontos de partida, e um longo caminho a serem percorridos. A chegada, no entanto, é um novo começo.

A 'nota' como objetivo final é o número que, em tese, representa o resultado quantitativo da 'evolução' do aluno. No entanto, não é bem assim. No âmbito escolar, as avaliações deveriam ser compreendidas como ferramentas pedagógicas utilizadas pelos professores para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos ao longo da jornada do seu 'fazer humano' voltados para análise qualitativa (Hoffmam, 1994), considerando variáveis da sua bagagem de vida, como este conhecimento é assimilado e, mais do que nunca, a utilização do conhecimento adquirido. É papel da escola, enquanto elo entre professores e alunos, instigar a busca do conhecimento pelo prazer da descoberta, da curiosidade e da refutação. No artigo publicado no Grupo de Trabalho da ANPED, em 2011, Silvio Donizetti Gallo busca entender o papel da educação e da formação humana no contexto da sociedade atual. Elabora, através da filosofia, reflexões sobre o devir, e as relações futura alicerçadas nos contextos da sociedade contemporânea. Entre estes debates, ele, citando Deleuze, e apresenta o papel do professor como agente instigador, de apresentação de signos e elementos que conduzem o processo de formação.

[...] não é pela simples imitação, pela simples repetição dos atos de um outro que se aprende: mas tampouco se aprende sozinho: aprendemos quando nos encontramos com signos, portanto precisamos de alguém que emita signos. Pode-se dizer, assim, que ensinar é emitir signos, é convidar a este tipo de encontro. Ensinar é convidar para fazer junto e aprender é fazer junto com alguém, entrando nessa vibração com signos. (Gallo, pg 61)

Encontramos sentido no ato de estudar nas análises acerca da Paideia Grega, apresentada por Jaeger e citado por Zatti e Pagotto-Euzebio em que sintetiza a formação como "a forma interior de vida do homem, sua existência espiritual, a sua cultura" (JAEGER, 2003, p. 572). Por tanto, o processo de avaliação deve conter mais variáveis do que a perspectiva quantitativa por meio de provas frias e diretas, sem o diálogo com os elementos que formam e somam o processo educacional.

Para Ana Maria Saul (1995, p25) a avaliação que fazemos de forma assistemática, por vezes inclui uma apreciação sobre adequação, eficácia e eficiência de ações e

experiências, envolvendo sentimentos e podendo ser verbalizadas ou não. Avaliar, então, é o ato de analisar e buscar elementos que determinam e justificam um padrão dentro dos parâmetros esperados. Em qualquer tipo de avaliação são estabelecidas etapas cruciais, mesmo nas situações mais simples e corriqueiras, como um jantar, por exemplo. O primeiro passo é identificar os elementos que o compõem, o ambiente, o cardápio escolhido, os ingredientes, a forma de preparo, os utensílios disponibilizados etc. Após essa identificação, é necessário analisar as razões que levaram a essas escolhas, quais foram as condições, o que deu certo e o que pode melhorar. Por último é dado o resultado. Gostar ou não gostar de um jantar está associado a uma série de fatores que o compõem e o torna uma experiência satisfatória.

No livro *Avaliação Emancipatória: desafio à teoria e a prática de avaliação e reformulação de currículo*, Saul (1988) alerta para a diferença estabelecida entre as avaliações corriqueiras, inerentes às relações humanas, das avaliações escolares. Estas, por sua vez, compreendem a necessidade de uma sistematização, a organização das avaliações de maneira a contribuir com desenvolvimento do estudante enquanto sujeito de direito ao conhecimento, independente e munido de inúmeros saberes que o torna singular.

Neste cenário, a escola dos dias atuais enquadra e aplica um modelo de avaliação cujo objetivo implícito é a confirmação da sua estrutura domesticadora (Saul, 2015, p.1302). Na visão do estudante, a avaliação é uma penosa tarefa que o pune e evidencia a incapacidade de se enquadrar dentro do sistema. Em seu livro *'A Prática Educativa: como ensinar'*, Antoni Zabala (1998) alerta sobre os objetivos de se avaliar, indicando a necessidade de romper o elo de 'punição' estabelecido nas avaliações. Para tanto, estas avaliações devem estar orientadas a uma visão determinada dos 'porquês' de se ensinar com o objetivo social alicerçado na formação continuada do ser humano.

Dentro da perspectiva de buscar as razões de ensinar, encontramos o quê ensinar, identificamos a contradição inerente à ambiguidade de formação humana e a pressão utilitarista imposta pela lógica de mercado incorporada pelo modelo de educação presente na maioria das instituições públicas e privadas. As fragilidades da formação humana são os desafios que devem ser superados através do desenvolvimento de práticas que munem de sentido o exercício de estudar. A lógica estabelecida pela educação utilitarista associa, de forma imediata, o estudo ao trabalho, deixando de lado o aspecto da completude das

relações humanas, das habilidades críticas, da elaboração de conceitos e novas possibilidades de resolver e pensar problemas.

A intenção aqui estabelecida, através da investigação teórica, é discutir as práticas de metodologias ativas no ensino da geografia, com recorte para a metodologia por meio de problemas, a consonância entre as práticas avaliativas e a precariedade da formação humana num processo planejado e homogêneo.

2 METODOLOGIA ATIVA E AVALIAÇÃO

Durante o período conhecido na filosofia como mundo clássico, o processo de formação ocorria em momentos de apreciação do ócio como oportunidade de elaboração e análises de questões sociais, humanas, políticas e naturais. Posteriormente, foi atribuído à educação o valor de produto, e cobrado rendimento prático como resultado intelectual, de modo que o educando seja preparado para os desafios da vida dentro das normativas e padrões modernos da estrutura social da ética e cidadania. Segundo Neidson Rodrigues, a educação é instrumento elementar no processo de formação humana no sentido de conduzir as vivências sociais. Cabe aos processos de formação do Ser Humano, através da educação formal e informal, a assimilação de sentimentos de generosidade, solidariedade, ética e cidadania:

A educação cumpre esse papel ao dotar os educandos dos instrumentos que lhes são necessários e pertinentes. Esses instrumentos são colocados em evidência ao serem descritos os meios educacionais que possibilitarão que todos os indivíduos cidadãos deles se aposses: organização e distribuição de conhecimentos e habilidades disponíveis num certo momento histórico, preparação para o trabalho, acesso ao desenvolvimento tecnológico, participação crítica na vida política. (Rodrigues, 2001)

Por metodologia ativa é compreendida a utilização de métodos que diminuem a distância entre professor e aluno. Onde o aluno se torna protagonista, invertendo a lógica da '*educação bancária*', criticada por Paulo Freire (1996, p.57). Neste sentido as metodologias ativas são estratégias, ou seja, mecanismos que traçam um percurso de descoberta pela qual o estudante precisa percorrer para alcançar determinado conhecimento. No entanto, será realizado por meios autônomos, onde a investigação será feita pelos estudantes e o professor é o balizador deste caminho, fornecendo instruções e direções que podem ser percorridas. Moran (2007), descreve as metodologias ativas como

práticas centradas munir os estudantes de questionamentos, e que para solucioná-los, sejam utilizadas diversas ferramentas que podem mesclar de forma híbrida, utilizando os meios digitais e tecnológicos, até a possibilidade de mecanismos tradicionais:

Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada, híbrida. As metodologias ativas num mundo conectado e digital se expressam através de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis, híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje, (MORAN, 2017, p. 24)

Estabelecer metodologias ativas no processo do ensino e da aprendizagem é fundamental ao pensar um ensino prático, voltado para empoderamento e emancipação social através da busca por resolver problemas que se aproximam das contradições reais. No entanto, as práticas educacionais de metodologias ativas não avançaram tanto para a esfera da avaliação.

Para além de números, as avaliações são fundamentais para nortear o trabalho dos professores no cotidiano da sala de aula. Através delas, busca-se identificar as lacunas da aprendizagem, as demandas apresentadas pelos alunos e, ainda, analisar as metodologias utilizadas pelos professores (Hoffman, 1994). Tal como as metodologias ativas no processo de ensino, podem ser exploradas diferentes formas de avaliações, inclusive 'avaliações ativas', cada uma com objetivos específicos e direcionados para dar oportunidade para que os alunos possam explorar as possibilidades que atestam seu conhecimento sobre determinado assunto. Seja de forma escrita ou oral, prático ou teórico. Avaliar é testar (Both, 2008, p.34). Testar é verificar a eficácia de uma determinada ação, no caso, a prática educativa. Portanto, da mesma forma como é incentivado e, até mesmo cobrado, criatividade nos métodos de ensino, também poderia haver diferentes formas de comprovar o conhecimento do educando no seu processo de formação.

Ao longo do período letivo são esperadas a realização de atividades práticas como metodologias avaliativas, com elas, os estudantes podem aplicar o conhecimento adquirido através da ação. Desde a construção de maquetes, cartazes, mapas temáticos, exposições de painéis, espaços de debates e apresentação de seminários são espaços importantes para identificar o desempenho dos estudantes ao longo da jornada em busca do saber. As variações dos instrumentos de avaliação almejam explorar as diversas habilidades e

aptidões adquiridas, sejam elas de cunho prático, sejam elas de cunho analítico ou crítico. E ainda, a versatilidade das avaliações podem sugerir situações de conflitos semelhantes aos embates sociais, aos enfrentamentos de ideias, a capacidade argumentativa e a reconstrução de pensamentos que antes, advindos de um contexto cultural, foram formulados.

Para compreender melhor este percurso recorreremos à Both (2008, p 34b) que distingue dois termos fundamentais para a rotina escolar: a avaliação e a verificação. Para o autor, avaliar compõe o processo, e a avaliação, propriamente dita, não esgota as possibilidades de verificar algo em sua completude. Sendo assim, verificar está ligado ao ato de constatar.

A este arcabouço de possibilidades avaliativas, compreendemos as avaliações internas, elaboradas por cada professor, baseadas conforme condução e compreensão de perfil das turmas, das particularidades dos alunos, respeitando os limites cognitivos, explorando as potencialidades. Acompanhando processos de experimentação das práticas docentes, incitando o desenvolvimento das relações humanas, do pensamento crítico e a atuação dos estudantes enquanto sujeitos formadores e transformadores.

3 METODOLOGIA ATIVA E AVALIAÇÕES NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Milton Santo (2008) em seus estudos sobre o espaço geográfico os segmentou em dois grupos: sendo o primeiro, denominado por Santos como fixos, seria o grupo das coisas, os naturais e as construídas pelo homem; no segundo grupo, denominado de fluxos, compreendemos as relações humanas com o primeiro grupo. Neste segundo agrupamento, busca-se, através da compreensão da complexidade das relações sociais, estabelecer conexões entre o desenrolar das práticas de dominação dos recursos e das relações humanas em contextos de dominação e exploração. Com isso, o espaço geográfico é a materialização da interação entre os dois grupos organizados por Santos, e por tanto, amplamente dinâmico.

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam. (SANTOS, 1997, p. 50)

O fazer pedagógico no ensino da geografia pode seguir diferentes caminhos, a depender da forma como posicionamos a educação e o processo formativo. Em uma perspectiva de transmissão de conteúdo na relação professor-aluno, o que Freire chama de repositório, há apresentação de conceitos prontos, a memorização de fatos e formas geográficas e associação prática de fenômenos. Em outra perspectiva, é possível reposicionar professor e aluno em uma construção coletiva de saberes, em que, segundo Freire, em contraponto a este modelo tradicional, reconhece a possibilidade de professor e aluno aprenderem juntos, reformulando e aplicando conceitos em análises de busca de resolução para problemas reais ou fictícios. Neste sentido, se comparar o modelo tradicional e comercial de ensino, percebemos que a formação crítica comunga com a ideia de formação integral do estudante, de modo que a educação perdura ao longo de toda sua vida, independentemente do que ele fará com este aprendizado, do ponto de vista profissional e de mercado.

O fazer-se humano, dentro da perspectiva da formação humana, implica na habilidade de diferenciar-se dos animais pela capacidade de pensar e transformar o mundo de forma autocentrada. Na busca por qualificar este processo Gallo (2011) apresenta o conceito de maioridade como condição plena do uso da razão. Sendo assim, ao citar Kant, ele relaciona o sujeito emancipado pelo processo educativo:

Assim, se é possível afirmar que o projeto moderno esteve centrado na constituição do sujeito político e do sujeito que conhece, também se pode dizer que o projeto moderno foi, em larga medida, um projeto de educação, de construção de sujeitos humanos que fossem capazes de forma autocentrada, agir no mundo para transformá-lo. (Gallo, 2011)

A utilização da geografia como ciência crítica para formação humana comunga com a ideia das constantes transformações sofridas pelo sujeito ao longo do desenrolar de sua vida. Para Faria (2008) o ensino da geografia deve estar atento aos movimentos humanos e as relações no espaço geográfico, observando as ações e consequências que impactam a vida.

A Geografia vem ampliando sua esfera de conhecimentos e seus métodos de abordagem e isto faz com que seu objeto seja sempre revisto, atualizado e moldado de modo que venha a atender às constantes adaptações do estudo a este mundo que não cessa de se transformar. (FARIA, 2008, p. 215-216)

Portanto, a utilização de metodologias que posicione o estudante dentro do problema no qual ele precisa encontrar meios para apresentar uma solução, pode fomentar a busca curiosa do despertar-se humano, formulando e reformulando contextos dentro do processo das relações sociais que transformam o espaço geográfico. Neste sentido, cabe pensar no papel do professor neste processo. E quando fazemos isso, encontramos um paradoxo que deve ser balizado pela ética profissional.

Um dos elementos que acompanham o cotidiano dos professores é pensar as razões pelas quais se decide ensinar. É preciso compreender o papel da educação como arte do cultivo do humano, da emancipação, no qual o conhecimento é tido como sinônimo de liberdade (Zatti e Pagotto-Euzebio, pg 12), resistindo à lógica da educação como mero instrumento de gerar mão de obra qualificada e baixo senso de criticidade, certificada e validade pelos índices de qualidade comprovado por avaliações que merecem nosso ar de desconfiança. As políticas públicas voltadas à educação são cercadas de intenções de distintos setores sociais. Do ponto de vista internacional, o país precisa validar suas ações demonstrando qualidade efetiva das instituições educacionais, para garantir os investimentos e o ranqueamento positivo entre outras nações. Enquanto isso, a qualidade real está a serviço do quão produtiva é a massa de estudantes que saem dos bancos escolares. Neste sentido, Moura (2019) apresenta um duro parecer sobre a lógica de se formar para garantir a produtividade do sistema, subvertendo o que outrora seria a aquisição do saber e a busca pela verdade, instrumentos de enriquecimento e formação integral do indivíduo.

Na sociedade atual, aquele que não produz o suficiente (do ponto de vista quantitativo) é tido como incompetente [...] O conhecimento, portanto, muda de valor, passando a ser considerado um objeto, um produto, uma mercadoria. (XAVIER; MOURA, 2019, p. 224).

Portanto, a geografia como ciência crítica, utilizando a abordagem didática de problema, estaria a serviço da revisão dos preceitos da educação, desafiando a lógica atual de modelar mentes a favor de um progresso libertário, em que o saber é medido pela capacidade de compreender a realidade, criticá-la e submeter-se a ela conforme os ditames sociais. Gallo (2012) classifica como deformação da educação, de modo que o estudante, em seu processo de formação humana é moldado ao desejo social de enquadramento, e o papel do professor e das instituições é de reprimir os ímpetos de buscar alternativas para

os problemas identificados a partir das relações de dominação do homem pelo homem, materializado no espaço geográfico.

4 AVALIAÇÃO, FORMAÇÃO HUMANA E O ENSINO DA GEOGRAFIA - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As diferentes modalidades de avaliação caracterizam-se por corresponder aos posicionamentos adotados para o direcionamento das convicções defendidas a respeito do papel do papel do processo avaliativo no contexto de ensino-aprendizagem. (Goth, p69, 2018)

Pensar a educação no modelo de sociedade atual é um exercício de debruçar sobre os anseios inerentes ao sistema econômico vigente. O modelo de educação básica utilizado nas instituições brasileiras se pauta pelo objetivo de atingir elevados indicadores de qualidade, resultantes de provas objetivas que certifiquem a assimilação de conteúdos pelos estudantes. Neste sentido, para se comprovar que aprendeu sobre geografia é preciso que o estudante comprove em provas diretas a assimilação de conceitos e processos espaciais e temporais. No entanto, o peso do contraditório está no processo formativo, em primeiro lugar pelo entendimento de processo formativo mesmo, que se equivoca no entendimento do fim, uma vez que o processo de aprendizagem não se encerra nos anos escolares e não se limita aos livros didáticos. Em segundo lugar, pela própria lógica da educação cotidiana, que é insistentemente cobrado do professor a irreverência e versatilidade nas metodologias de ensino e aprendizagem, analisando os processos desenvolvidos pelos alunos.

O grande desafio é seguir as normativas e diretrizes que são impostas às instituições e seus profissionais, que devem cumprir e alcançar as metas apresentadas pelos governos. E mesmo que os processos formativos, levando em consideração a prática e o exercício de pensar a sociedade de forma crítica, propor e criar caminhos para os problemas reais e fictícios, o que conta, no final, é o quanto será comprovado, através das provas, que o aluno aprendeu dos estudos feitos.

Relacionar os processos de formação humana com o desenvolvimento de metodologias ativas através do método problema, é uma possibilidade interessante de dar consequência às avaliações. Hoffmann apresenta a necessidade de avaliação consciente, planejada, justamente por entender que o ser humano em processo de desenvolvimento

possui processos diferenciados, e os caminhos da formulação de uma ideia, uma hipótese, é reflexo da sua formação. Também Freire reflete a respeito de considerar os processos que construíram e constroem o pensamento e a trajetória do indivíduo até o ponto onde está. Por fim, a educação precisa ser vista como instrumento emancipatório, libertador e contínuo, tal qual é a vida e as transformações do espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

BOTH, Ivo José. Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina. ed.2. Curitiba: Ibpex, 2008.

CARVALHO, J.I. F., MENEZES, L.S. M. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE METODOLOGIAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA. Revista Ensino de Geografia (Recife) V. 4, N°. 3, 2021. Disponível em: <[Vista do Algumas reflexões sobre metodologias de ensino de Geografia para a Educação Básica \(ufpe.br\)](#)>

CASSOL, R., MUSSOI, E. M., CIROLINI, A., MOTA, P. N. METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA : 4º SEMESTRE. 1. ed., UFSM, Santa Maria -RS, 2005. Disponível em: <[MEG.pmd \(ufsm.br\)](#)>

FARIA L.R. Resenha do Livro de Milton Santos. A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção. In: Caminhos de Geografia. Uberlândia v. 9, n. 26 set., 2008 p. 215 -226.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. E-book Kindle. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GALLO, Silvio. EDUCAÇÃO, DEVIR E ACONTECIMENTO: PARA ALÉM DA UTOPIA FORMATIVA. Educação e Filosofia. Uberlândia, v. 26, n. especial, p. 41-72 - 2012. ISSN 0102-6801

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática em construção - da pré-escola à universidade. 4. ed., Porto Alegre: Educação e Realidade, 1994.

LUCKESI, Carlos Cipriano. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez, 2011.

MANFIO, V. O encontro entre Geografia e Educação pode mudar o espaço vivido? [Revista Ensino de Geografia \(Recife\) v. 4 n. 3 . 2021](#)

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/MpfHNQQR5c4LBvN4pgPpwJ/>

[O encontro entre Geografia e Educação pode mudar o espaço vivido? | Revista Ensino de Geografia \(Recife\) \(ufpe.br\)](#)>

SAUL, Ana Maria. Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática da avaliação e reformulação de currículo. 2. ed., São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

SANTOS, M. A natureza do espaço, técnica e tempo, emoção e razão. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. Por uma Geografia Nova. 6. ed., São Paulo: ed USP, 2008.

RIBEIRO, M. C. M.A.; CATRINCK, I. M. O. PAULO FREIRE E O PENSAMENTO EDUCACIONAL PROGRESSISTA BRASILEIRO: ataques do Escola sem Partido. Revista Teias vol.22 no.67 Rio de Janeiro out./Dez 2021 Epub 14-Fev-2023. Disponível em: <[PAULO FREIRE E O PENSAMENTO EDUCACIONAL PROGRESSISTA BRASILEIRO: ataques do Escola sem Partido \(fcc.org.br\)](https://www.fcc.org.br)>

ZATTI, V., PAGOTTO-EUZEPIO, M.S. EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA: uma revisão em filosofia da educação ante a premência da utilidade. São Paulo: FEUSP, 2022

NEIDSON, N.. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. Educ. Soc. 22 (76) • Out 2001. DISPONÍVEL EM: <<https://www.scielo.br/j/es/a/MpfHNQQR5c4LBvN4pgPpwJ/>>

NOFFS, N.A., SANTOS, S.S. O DESENVOLVIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS PARADIGMAS PEDAGÓGICOS EDUCACIONAIS. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.17, n.3, p.1837-1854 out./dez.2019. Disponível em: <[Vista do O DESENVOLVIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS PARADIGMAS PEDAGÓGICOS EDUCACIONAIS \(pucsp.br\)](https://www.pucsp.br)>

SILVA, J. L. B, IARA B. N. S. METODOLOGIAS DE ENSINO EM CIÊNCIAS HUMANAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA - EM BUSCA DE SENTIDOS E POSSIBILIDADES

DOSSIÊ: Interseccionalidade e Educação: Desafios para Pensar a Educação Escolar. Revista de Estudos Interdisciplinares. Vol. 5. 2023. Disponível em: <[METODOLOGIAS DE ENSINO EM CIÊNCIAS HUMANAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: EM BUSCA DE SENTIDOS E POSSIBILIDADES | Revista de Estudos Interdisciplinares \(ceeinter.com.br\)](https://www.ceeinter.com.br)>

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

XAVIER, M.P.S, Evangelista, A. M. O CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO NA TRAJETÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: NOTAS PARA DISCUSSÃO. 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias Universidade Estadual de Campinas.SP, 2019. Disponível em: <[rpessina,+518_528_Xavier_Evangelista.pdf](#)>

Sobre a autora

Fátima Daniela Carvalho de Sousa

Estudante de Mestrado na Universidade Estadual de Minas Gerais

Licença de acesso livre



A **ESUD | CIESUD | SIGATEC** utiliza a [Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](#), pois acredita na importância do movimento do acesso aberto ao conhecimento.